

# HISTÓRIA, LITERATURA E DEMÔNIOS

Mabel Salgado Pereira<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

O presente ensaio tem o propósito de analisar o romance “Mariana”, do escritor mineiro Augusto de Lima Júnior, na tentativa de demonstrar que o mesmo reivindica o predomínio da realidade como traço essencial de sua obra, com observações precisas sobre a História do Cristianismo na cidade de Mariana/MG, no início do século XX.

Primeiramente busca-se resumir de maneira geral o romance, para, em seguida, apontar que as questões que surgem como pano de fundo de sua obra são parte da realidade do vivido durante o episcopado de Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1922-1960). Na segunda parte procura-se demonstrar que o autor, ao narrar o caso de um sujeito tomado pelo demônio, retoma a uma tema antigo da literatura e que, mesmo pertencendo a esfera do improvável, o tema pode ser observado em fontes históricas importantes.

O objetivo principal é demonstrar que o romance, dentre os gêneros narrativos, é o que melhor combina a prosa de ficção e a representação da realidade.

## **ROMANCE E REALISMO NA OBRA DE AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR**

O romance tem como pano de fundo a cidade de Mariana, inicia-se com a passagem do episcopado de Dom Silvério Gomes Pimenta ao de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, alongando-se as realizações do segundo.<sup>2</sup> A obra nos revela o perfil do seu clero, dos seus fiéis e dos seus grandes momentos administrativos, da mesma forma, nos confirma as tensões e os conflitos que se desenvolveram durante o seu governo episcopal.<sup>3</sup>

Publicada em 1966 a obra tem como personagem principal o jovem Eugênio Harden, sobrinho do Cônego Jeremias, Decano da Cabido da Arquidiocese de

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais). Parte das fontes utilizadas neste artigo foram obtidas no Arquivo do Vaticano – Roma/Itália, com auxílio de Bolsa concedida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

<sup>2</sup> Dom Silvério Gomes Pimenta foi o 9º Bispo e o 1º Arcebispo de Mariana (1896-1922), morreu em 30 de agosto de 1922. Dom Helvécio Gomes de Oliveira tomou posse da Arquidiocese de Mariana no ano de 1922 e ocupou o posto até o ano de sua morte, em 1960.

<sup>3</sup> O autor, Augusto de Lima Júnior, vivenciou o episcopado de Dom Helvécio, encontramos em TRINDADE a transcrição de um artigo escrito por Lima Júnior, no contexto das comemorações dos duzentos anos do Seminário de Mariana, no qual faz um breve histórico do Seminário, recordando que: “Nós nos formamos, assim, pelo trabalho deles, com o terço na mão, o bentinho no pescoço e o sentimento religioso no coração. Aprendemos a rezar diante de imagens portuguesas que acabamos fazendo nossas. Fomos batizados e recebemos nossa primeira comunhão nesses velhos templos penumbrosos, tão recolhidos e santos.” Conforme: TRINDADE, Cônego Raymundo. *Breve Notícia dos Seminários de Mariana*. Mariana: Editora da Arquidiocese, 1951, p. 195.

Mariana. Eugênio, que cursava o primeiro ano da escola Politécnica do Rio de Janeiro, fora surpreendido com a dispensa do pequeno emprego público que o mantinha desde o falecimento de seu pai e, sem condições de se sustentar na capital, procura o abrigo do último sobrevivente da família, o Cônego Jeremias.

O Cônego esperava por Eugênio, já havia inclusive pedido ao Arcebispo no sentido de encaminhar o sobrinho para um trabalho. Entretanto, quando o jovem chega a Mariana, em meados do ano de 1922, o Arcebispo Dom Silvério Gomes Pimenta acabara de falecer, ficando, desta forma, o tio em dificuldades de ajudar o sobrinho desempregado. Esse ano marca o início do episcopado de Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

O jovem rapaz, em um dos passeios pela velha cidade, ao ver Isaura, uma moça pobre, que vivia com a mãe, a qual era viúva do sacristão do Arcebispo morto, apaixona-se loucamente pela moça. Entretanto, o velho Cônego Jeremias desconhecendo os sentimentos do jovem tem em mente que a única forma de encaminhar o sobrinho é seduzi-lo para a vida sacerdotal, solução que, naturalmente, o afastaria de Isaura.

Com a posse do novo Arcebispo, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, o Cônego, que já não se encontrava em boas condições de saúde, é afastado de suas funções sacerdotais para que pudesse se tratar das enfermidades que o atacavam. Numa visita do Arcebispo ao Cônego em sua residência, o velho tio formalizou, na presença de Eugênio, o pedido para que o jovem entrasse para o Seminário. Eugênio, sem querer desagradar o tio, aceitou a solução, que lhe custava um grande sacrifício, do qual só poderia se livrar com a morte do velho tio.

A partir deste momento, o jovem passou a acompanhar outros padres em suas funções religiosas, tanto na Igreja local quanto em trabalhos fora de Mariana. Isaura não ficou esquecida nos seus pensamentos, fato que o fazia sofrer com o peso da decisão. Aguardava com ansiedade e temor a data de sua entrada no Seminário. Porém, consciente de sua paixão e de sua falta de vocação religiosa, aproveitou a oportunidade de uma conversa com o Arcebispo e revelou a ele todo o seu sofrimento. O Arcebispo o dispensou do compromisso de se apresentar ao Seminário, entretanto, Eugênio, com temor de que o velho tio piorasse por conta desta decisão, insistiu com o Arcebispo por sua entrada. Ficou acertado entre os dois que Eugênio entraria para o Seminário e lá permaneceria até a morte do tio, período que não deveria se prolongar por muito tempo, em razão das condições de saúde do Cônego Jeremias.

No Seminário, Eugênio acompanhou as diversas atividades junto aos demais vocacionados, somente não vestia a batina como os outros, por ordem do novo Arcebispo. Ali conheceu de perto os padres Lazaristas, da Congregação da Missão, e aos poucos foi descobrindo sua vocação religiosa. Isaura, que também havia ingressado no noviciato das Irmãs Carmelitas, foi aos poucos perdendo espaço nos pensamentos de Eugênio e, quando finalmente o velho Cônego Jeremias veio a falecer, o jovem Eugênio tinha a certeza de sua vocação religiosa e não desejava mais sair do Seminário. Procurou o Arcebispo, expôs ao mesmo a descoberta de sua vocação, pediu ajuda e, finalmente, acabou sendo encaminhado para o noviciato da Congregação da Missão, na Serra do Caraça.

Ao final da leitura do pequeno romance, temos a impressão de realidade na obra de Lima Júnior, que nasce da articulação coerente que o autor faz entre o personagem Eugênio e as referências com o mundo externo, ou seja, das relações entre o indivíduo e o social, apresentando sob forma artística os detalhes de sua existência cotidiana.

Esta combinação entre a ficção, a descoberta da vocação religiosa do jovem Eugênio, e a realidade que o permeia, a cidade de Mariana no momento da passagem de um arcebispado ao outro, elemento fundamental na organização do romance, leva-nos à noção de verossimilhança, já que cada aspecto da vida pessoal é radicalmente atingido pelo movimento social.

Um elemento importante que reforça o sentimento de realismo na obra é o sentido que o autor dá as determinações temporais que cercam as relações entre o sujeito e a sociedade. A apreensão da descoberta da vocação religiosa é trabalhada ao longo do texto, sob a noção de que o tempo carrega em si a possibilidade do aprendizado por meio da experiência, a perspectiva da mudança e do amadurecimento, a partir dos experimentos que foram realizados pelo personagem principal juntos aos padres Lazaristas.

Entretanto, são as determinações espaciais incorporadas detalhadamente no romance, como: as igrejas, o palácio arquiépiscopal, o seminário, a estação de trem, entre outros, analisadas também sob o registro das transformações ao longo do tempo, como construções e reformas, que revela-nos o empenho do autor em apresentar aos leitores uma realidade em forma artística.

Neste sentido, para os estudiosos do campo da História do Cristianismo no Brasil a obra é reveladora das ações do episcopado de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, religioso da Sociedade de São Francisco de Sales, SDB, congregação religiosa fundada por Dom Bosco, em Turim, Itália, no ano de 1857.<sup>4</sup>

Dom Helvécio é Dom Salesius na obra de Augusto de Lima Júnior. O ano de sua posse, 1922, especial para o Brasil em termos políticos e sociais, será para Minas Gerais, com a sua presença na mais tradicional diocese do estado – Mariana -, importante no sentido da aproximação, que já vinha se realizando anteriormente, das relações entre Igreja e Estado.

O Arcebispo participou ativamente, durante seu episcopado, de todos os grandes momentos da política brasileira de sua época, sempre procurando evidenciar aos dirigentes do Estado o desejo de colaboração. É relevante dizer que este apoio à ordem estabelecida é fruto de uma opção da própria hierarquia católica neste momento, inspirado no pensamento de Pio XI<sup>5</sup>, e não de uma imposição do poder

---

<sup>4</sup> A Sociedade de São Francisco de Sales, SDB, fundada no contexto das guerras de unificação italiana, atuava sobre a sociedade em aliança com o Estado na busca de soluções para os problemas sociais que se colocavam, decorrentes da rápida urbanização e do processo de industrialização. Assim, procuravam incentivar por todas as partes as escolas de artes e ofícios. O crescimento dos Salesianos, em 1914 encontravam-se “presentes em 31 países, 16 dos quais na América Latina”. Conforme: AUBERT, Roger. *Nova História da Igreja*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 111. Neste sentido, acreditamos que este crescimento deveu-se, especialmente, ao fato de estarem estes religiosos mais adaptados às necessidades do apostolado moderno.

<sup>5</sup> Pio XI (1922-1939) ficou conhecido na História como o Papa das Concordatas. Assinou, além de

político à Igreja Católica.

Nos estados brasileiros, ainda que tivessem como fundo a Constituição Federal, cada Estado da federação levará adiante, em termos apropriados, uma política religiosa peculiar. No caso de Minas Gerais, a relação é típica, a própria Constituição Estadual “começa invocando o nome de Deus”.<sup>6</sup>

É neste contexto que Dom Helvécio aporta para o mais longo episcopado da principal sede do poder espiritual de Minas Gerais. As obras que se seguiram na Arquidiocese de Mariana com a posse do prelado ganham espaço no romance de Lima Júnior, em especial as reformas dos primeiros anos, como as do:

*antigo palácio [que] ia uma azáfama intensa de arrumação, catalogação e limpeza dos arquivos, nos velhos móveis, enquanto, pelos telhados, pedreiros e carapinas remendavam a velharia, escorando traves e vedando goteiras. No alto de São Pedro amontoavam-se pedras, cal, materiais diversos e as velhas igrejas eram inspecionadas cuidadosamente para que lhes remediasse o estado.*<sup>7</sup>

Os documentos analisados sobre a atuação administrativa de Dom Helvécio Gomes de Oliveira confirmam a preocupação inicial do Arcebispo com o patrimônio arquitetônico, artístico e documental encontrado. Juntamente com os demais bispos da Província Eclesiástica de Mariana editou, em 1926, uma importante Carta Pastoral sobre o Patrimônio Histórico e Artístico da Igreja Católica, alertando para a necessidade da preservação do patrimônio.

Sensível às artes e especialmente preocupado com o valor deste patrimônio, Dom Helvécio inaugurou o Museu de Arte Sacra em Mariana, no interior da Igreja de São Pedro. Em 1944 quando Getúlio Vargas criou, através do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Museu dos Inconfidentes na cidade de Ouro Preto, todo o patrimônio foi doado à nova instituição, sendo a Arte Sacra o núcleo inicial das preciosidades reunidas.

A igreja de São Pedro, local onde foi organizado o Museu de Arte Sacra em Mariana é pano de fundo de diversos encontros entre Dom Salesius e o jovem Eugênio Harden. Quando perguntado pelo jovem como fará para conseguir recursos e leis protetoras para o Museu, o prelado lhe respondeu:

*Cada um de nós deve ser brasileiro, cumprir o dever em sua esfera, com o pouco de recurso que o dispuser, mas, em todo caso, pondo o máximo de esforço em servir a causa do interesse público. A Arquidiocese de Mariana vai cumprir a parte que lhe cabe na obra de cultivo das suas gloriosas tradições da arte antiga, tão valiosa para o estudo de nossa*

---

diversas concordatas com os países recém formados no pós Primeira Guerra Mundial, a concordata de 1929 com o representante do governo fascista italiano Mussolini, o que colocou fim à famosa Questão Romana. Sua orientação de estreitar laços com os representantes do Estado será seguida de perto pelo episcopado brasileiro no período estudado.

<sup>6</sup> FREIRE apud LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil-República*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 28.

<sup>7</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 87.

*formação cultural.*<sup>8</sup>

Com o mesmo espírito de preservação o Arcebispo deu início a organização e catalogação do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese. Em 1938, no contexto do Congresso Arquidiocesano do Apostolado da Oração, fez registrar no esquema de trabalho do mesmo sua preocupação com a conservação dos documentos eclesiásticos. O capítulo XIX ressalta:

*Pedimos o maximo cuidado com os Arquivos paroquiaes, que devem ser conservados em armários bons, zelados com carinho, preservados dos estragos e das traças, dos perigos de incêndio.*<sup>9</sup>

A construção do Seminário Maior São José, que visava a separação entre os alunos do curso de Filosofia e Teologia, por indicação da Sagrada Congregação das Universidades e Seminários, ganha espaço no texto de Lima Júnior. Considerada para Dom Helvécio necessária e urgente, os esforços para esta construção consumiram anos, de 1926, data da compra do terreno, a 1934, data de sua inauguração.

A figura de novo Arcebispo de Mariana é apresentada através de uma narração que tenta ao máximo se aproximar da realidade. Assim, Dom Salesius surge “em cima da grande mesa de despachos, [onde] estendia as plantas, projetos, orçamentos das obras em andamento”.<sup>10</sup> A noção de verossimilhança, entendida como sentimento de verdade, que temos através da leitura de “Mariana”, nasce, portanto, da articulação coerente que o autor faz no interior do texto com a realidade e sua apresentação sob a forma artística de um romance.<sup>11</sup>

O autor não se escusa em detalhar as divergências causadas por todo este movimento reformista do prelado, que “causam profundos aborrecimentos em quase toda a gente, que, sem analisar com isenção, ou talvez por incapacidade de julgar, preferia simplesmente condenar o autor de tudo aquilo com anátema: - Fiteiro”.<sup>12</sup>

Neste sentido, durante os primeiros anos de seu episcopado Dom Helvécio teve que ocupar-se também de sua defesa. As tensões com diversos segmentos, tanto “ad intra”, setores da própria Igreja Católica, como “ad extra”, sociedade marianense, acompanharam seus dias. Desde a sua posse, momento em que o mesmo quebrou uma tradição – deixando de entrar na cidade a cavalo, através da estrada que liga Mariana a Ouro Preto, optando por chegar através da Estação Ferroviária -, passando pela difícil relação com parte do clero diocesano, pela criação de novos institutos, muitos foram os momentos de desgastes.

Desta maneira, seu governo episcopal pode ser analisado com base no conceito de “redes de interdependência”. Ou seja, um indivíduo numa sociedade marcada por uma cadeia de redes de interdependências, que liga os homens uns aos outros

---

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 113.

<sup>9</sup> Conforme Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Fundo Dom Helvécio – Pasta Sínodos e Congressos.

<sup>10</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 110.

<sup>11</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini. Realismo e estória romanesca. In: \_\_\_\_\_. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

<sup>12</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 87.

e, que ao mesmo tempo, limita suas ações e gera conflitos.<sup>13</sup>

As ações de Dom Helvécio, analisadas numa rede de solidariedades e interesses múltiplos, nos conduzem a reprodução de um equilíbrio de tensões na sociedade na qual o mesmo atua. Equilíbrio que se faz sentir diante de sua autoridade, membro de uma importante instituição religiosa em aliança com os poderes constituídos; e tensões, que afloram em diversos momentos, que podem ser traduzidas em acusações por parte de grupos de oposição, mas que, no conjunto das relações nas redes de interdependência, não modifica a sua imagem como líder de um movimento no quadro do episcopado brasileiro, que são reais.

As tensões aparecem em “Mariana” ao longo de todo o texto. No final, Eugênio, após o enterro do velho tio, o Cônego Jeremias, encontra o Cônego Fraga que lhe diz: “Viu? O ‘grupinho’ não compareceu ao enterro”, ao que o jovem respondeu: “Não faz mal (...) Se entre os doze apóstolos houve um Judas não é de estranhar que, numa cidade, existam vários”. O Cônego Fraga então finaliza: “A revolução vem aí. Tenho certeza disso. Quando vier, essa gente vai se ver tonta... Deixe por minha conta. Estou conspirando também...”<sup>14</sup>

Assim, consideramos que além dos documentos de caráter eclesiástico, outras fontes podem ser incorporadas ao estudo sobre a vida e a ação episcopal de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, cuja obra foi, durante a Primeira República brasileira, fundamental nas relações que se desenvolveram entre a Igreja Católica e o Estado, no intuito de enriquecer o corpus documental em análise e trazer à tona questões que os documentos eclesiásticos não deixam evidenciar. Neste sentido, apontamos para a obra de Lima Júnior, na qual o autor nos surpreende com uma riqueza de detalhes capaz de preencher lacunas que não podem ser encontradas nos arquivos eclesiásticos.

### **O CASO DE SATANISMO NA OBRA DE LIMA JÚNIOR E OS REGISTROS DO ARQUIVO DO VATICANO**

Lima Júnior dedica um capítulo da sua obra, intitulado “Um caso de satanismo”, ao caso de um demônio. Seu romance foi publicado dez anos após a publicação da obra de Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”, considerada uma das mais primorosas na reconstituições do sertão mineiro, na qual o demônio também tem seu espaço<sup>15</sup>, o autor de “Mariana” também recorre ao motivo tão antigo na literatura.

Porém, diferentemente de Guimarães Rosa que prepara o leitor para o questionamento sobre a existência ou não do diabo, Lima Júnior descreve um caso de satanismo com todos os seus detalhes, o que não permite ao leitor a dúvida sobre o processo.

<sup>13</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

<sup>14</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 168.

<sup>15</sup> Não cabe neste momento uma análise da obra de Guimarães Rosa, apenas recordar ao leitor que o principal personagem, o jagunço Riobaldo, dirige-se às veredas Mortas para um pacto com o demônio. O pacto, na obra, se apresenta como um rito de passagem, que marcará uma reviravolta no personagem. Entretanto, o próprio Riobaldo questiona-se várias vezes sobre a existência do demônio. Conforme: ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

Segundo o autor, certo dia, Monsenhor Jardim em visita ao Cônego Jeremias recebe um chamado urgente de caso de exorcismo. Curioso, o jovem Eugênio, que nunca havia presenciado um caso similar, pede autorização para acompanhar o padre no seu trabalho. Este último, com vasta experiência em casos de exorcismo, permite que o jovem o acompanhe.

O caso se passa no Arraial da Passagem, vizinho a velha Mariana. O demônio havia se apossado do corpo de um homem chamado Manoel João e, quando o Monsenhor e Eugênio chegaram a casa do sujeito, a mesma estava tomada por curiosos. O padre é recebido pelo médico que lhe informa:

*As doses mais elevadas de narcótico não produzem nenhum efeito nesse infeliz. Está numa debilidade orgânica profunda, não se alimenta há três dias, mas ainda dispõe de uma força tremenda. É um homem analfabeto e está a dizer frases em latim e a discutir efeitos da medicação que eu e meu colega lhe fizemos, com a erudição de um cientista. Não posso explicar.<sup>16</sup>*

Calmamente Monsenhor Jardim paramentou-se com a sobrepeliz e a estola, e de posse do “Rituale” deu início ao processo de exorcismo. Em seguida o endemoninhado travou um diálogo em latim com o Monsenhor, este traçou sobre o possesso o sinal da cruz e começou a ler as orações do ritual: “ut fias creatura oxorcisata ad effugandam omnem potestatem inimici, et ipsum inimicum erradicare...”<sup>17</sup>

O jovem Eugênio assistia a tudo impressionado com a realidade. Monsenhor respondeu a uma das descomposturas do possesso em língua que Eugênio não conseguia compreender bem, que em seguida, virando-se para o jovem disse-lhe: “Ele está utilizando-se do aramaico, língua que falo com dificuldade, para retardar-me a expulsão. Está um caso bem difícil.”<sup>18</sup>

A casa, o choro da mulher do possesso, a curiosidade dos vizinhos, a presença dos médicos, nada é esquecido pelo autor. Finalmente, após as orações e aspergir Manoel João, o mesmo caiu sobre o chão como se tivesse desmaiado. Monsenhor deu por finalizado seu trabalho e o médico foi logo socorrer o infeliz.

Montados em suas mulas, Eugênio e Monsenhor Jardim, puseram-se no caminho de volta a Mariana. O jovem profundamente abatido foi incapaz de um só comentário, fez todo o percurso apenas ouvindo o Monsenhor contar outros casos como o de João Manoel, que o mesmo já havia presenciado e exorcizado, porém, cada vez mais raros segundo seu testemunho.

Para um historiador, conhecedor da História Eclesiástica de Mariana durante o período em que a trama se desenvolve, seria apenas este capítulo impossível de confirmação histórica. Entretanto, na documentação existente no Arquivo do Vaticano podemos ler:

*Exmo e Revedmo Senhor Núncio Apostólico  
Por favor especial a V. Excia. Revdma. humildemente suplico a S.  
Santidade, o Papa Pio XI, uma Benção Apostólica para uma pobre*

<sup>16</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 96.

<sup>17</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto, *Mariana*. Belo Horizonte: Edições do autor, 1966, p. 97.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

*alma (minha dirigida) que está em perigo de perder a fé, porque é vexada a muitos annos pelo demônio que terrivelmente a tortura moral e fisicamente, apesar de já ter empregado tudo quanto a S. Igreja aconselha em taes casos.*

*O caso é tratado abaixo de sigillo, por isso, não posso declarar o nome da paciente.*

*+ Antônio, Bispo Auxiliar*

*Mariana, 28 de agosto de 1922.*<sup>19</sup>

Difícil saber se este caso é o mesmo do romance de Lima Júnior, ou se o mesmo se inclui nos tantos casos contados por Monsenhor Jardim ao jovem Eugênio no retorno a velha Mariana, porém, vale destacar que o romance se desenvolve no mesmo ano de 1922, data da carta. Entretanto, mesmo que este não esteja presente nos relatos do padre, podemos pensar que em Mariana e redondezas, no início do século XX, casos de demônios povoavam o imaginário popular.

Porém, no fundo documental sobre o caso do demônio de Mariana o que mais chama a atenção é a carta do Núncio Eurico Gasparri ao Secretário de Estado do Vaticano. O representante do Papa inicia sua carta explicando que pensou muito antes de aceitar o pedido de Mons. Assis<sup>20</sup>, mas que este ao viajar ao Rio de Janeiro para o Congresso Eucarístico insistiu muito para que fosse pedido a Benção Apostólica ao Santo Padre. Ainda segundo o Núncio, o bispo lhe dera “também esclarecimentos e informações que a propósito contribuiram para aumentar minhas suspeitas de que se trata de um caso de mistificação”.<sup>21</sup>

O documento é também revelador de como o Núncio Gasparri, ao esclarecer sua posição, analisa a personalidade de Mons. Assis e de Dom Silvério. Segundo ele o bispo lhe revelou o caso tendo como testemunha Dom Silvério e assim os descreve:

*mas eu conheço muito bem Dom Silvério e da mesma maneira conheço Mons. Assis: ambos são ingênuos e com alma não só simples “simplicites simples”, capazes de serem envolvidos num truque com a máxima facilidade.*<sup>22</sup>

Considerando a Igreja Católica como uma “Instituição Total”<sup>23</sup>, torna-se fácil compreender que o Núncio se coloca na posição da classe dirigente, enquanto os bispos, apesar de ocuparem um espaço importante no quadro da hierarquia, formam a classe dirigida, abaixo do Núncio, o que confere ao último poder para tais observações.

---

<sup>19</sup> Arquivo Secreto do Vaticano – Fundo Secretaria de Estado – Ano 1922 – Rub. 82 – Fasc. 2 – Prot. 9781.

<sup>20</sup> Dom Antonio Augusto de Assis foi Bispo Auxiliar de Mariana de 1918 a 1931.

<sup>21</sup> Arquivo Secreto do Vaticano – Fundo Secretaria de Estado – Ano 1922 – Rub. 82 – Fasc. 2 – Prot. 9781. Tradução da autora.

<sup>22</sup> Arquivo Secreto do Vaticano – Fundo Secretaria de Estado – Ano 1922 – Rub. 82 – Fasc. 2 – Prot. 9781. Tradução da autora.

<sup>23</sup> Conforme o conceito de GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.



Ao finalizar sua carta o Núncio demonstra sua preocupação com a divulgação do caso, em especial com a possível participação do Papa, registrando:

*Mas como o negócio é muito suspeito e na sua complexidade em grande parte também indecente (devendo intervir os médicos) e, em seguida, mais cedo ou mais tarde poderá ser também razão pública, não convém absolutamente que se saiba que Sua Santidade tenha feito qualquer intervenção, de qualquer forma.*

*Em conseqüência no caso de Sua Santidade dignar-se a dar a benção solicitada pelo Mons. Assis, peço não comunicar nem a mim, nem ao Monsenhor Assis, nem a qualquer outra pessoa.*

*Eu me ocupei com Mons. Assis lhe dizendo que mandei, não por via oficial, a sua súplica e não sei no momento qual foi o resultado da mesma.<sup>24</sup>*

De posse da documentação existente sobre o caso, podemos observar que Lima Júnior, também no capítulo sobre o caso de satanismo, manteve seu apego aos fatos reais que permeavam a velha Mariana. Assim, a impressão de verdade nasce na medida em que podemos perceber que a obra foi organizada numa estrutura coerente, na qual o autor articula prosa de ficção e realidade histórica, sendo a última observável nos fundos documentais eclesiásticos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não coube neste trabalho destacar a tese central de nossa investigação sobre o episcopado do religioso da Sociedade de São Francisco de Sales, SDB, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, que é a aproximação entre a Igreja Católica e o Estado de Minas Gerais, nem mesmo desenvolver um estudo mais aprofundado sobre a presença de demônios no imaginário popular do povo mineiro. Nosso objetivo foi apenas demonstrar que o estudo da História pode ser enriquecido pela Literatura.

Podemos perceber que dentre os diferentes textos de literatura que encontramos, o romance é o que coloca de forma mais aguda o problema da correspondência entre a realidade que ela apresenta e a obra literária. Assim, consideramos que o estudo do romance “Mariana”, em estreita combinação com as fontes históricas do período, contribui como importante instrumento de análise das mudanças ocorridas no plano do episcopado da Arquidiocese de Mariana a partir da posse de Dom Helvécio.

Para finalizar, vale dizer que o que mais encanta na obra de Augusto de Lima Júnior é a capacidade que o autor teve em organizar as diferentes modalidades de experiência do seu principal personagem, Eugênio Harden, tanto no introspectivo quanto no social, apreendendo de forma espetacular a relação – no tempo – entre indivíduo e a sociedade na qual o mesmo atua.

\*\*\*

---

<sup>24</sup> Arquivo Secreto do Vaticano – Fundo Secretaria de Estado – Ano 1922 – Rub. 82 – Fasc. 2 – Prot. 9781. Tradução da autora.

## RESUMO

Este artigo visa demonstrar que um projeto interdisciplinar entre História e Literatura permite ao historiador entender questões fundamentais que muitas vezes não aparecem de maneira muito clara na documentação oficial; em especial elementos do cotidiano, crenças populares, entre outras. Aponta, a partir do estudo de um romance, à sua articulação com fontes preservadas em arquivos eclesiásticos importantes, afirmando que este gênero literário é o que mais se aproxima da realidade do vivido.

**Palavras Chave:** História do Cristianismo, Romance e Demônios.

## ABSTRACT

This study aims to demonstrate that an interdisciplinary project between History and Literature allows a historian to understand some key issues which do not often appear clearly in official documents; particularly elements of daily life, popular beliefs and others issues. From a study of a novel, it points to its articulation with preserved sources in important ecclesiastical files, asserting that this literary genre is the closest to the lived reality.

**Keywords:** History of Christianity, Romance and Demons.